

## **Dr. Gary Yates, Livro dos 12, Sessão 16, Jonas, Historicidade**

© 2024 Gary Yates e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Gary Yates em seu ensinamento sobre o Livro dos 12. Esta é a sessão 16, Introdução ao Livro de Jonas, Historicidade.

Estamos prontos em nosso estudo para começar a examinar o livro de Jonas.

Fico um pouco intimidado quando iniciamos este estudo porque percebo e entendo que de todo o livro dos 12 e dos profetas menores, Jonas é provavelmente aquele com o qual estamos mais familiarizados. É algo em que nos concentramos desde a escola dominical. Já ouvimos isso muito cedo em nossas vidas.

Então, o fator intimidação é o que podemos dizer sobre este livro que seja novo ou que possa acrescentar algo ao nosso entendimento? Vamos começar focando na questão de saber se devemos ler o livro de Jonas como uma parábola ou como um relato histórico. Entraremos em algumas das questões, nas evidências e nas questões relacionadas a isso. Antes de fazermos isso, gostaria de fazer um último ponto ou adendo à nossa discussão sobre Oséias. Então, usaremos isso como uma forma de iniciar nossa discussão sobre o livro de Jonas.

Mas à medida que trabalhamos no livro de Oséias, a mensagem da infidelidade de Israel para com o Senhor, uma das coisas que passei a apreciar no livro de Oséias é a maneira pela qual o profeta entrelaça com sua mensagem referências anteriores ao Antigo Testamento ou eventos do Antigo Testamento. Se você reservar um tempo para ler e refletir sobre algumas dessas coisas, isso poderá melhorar sua compreensão do Antigo Testamento. Também pode ajudá-lo a apreciar a força, o poder e a retórica da mensagem de Oséias.

Ora, a ideia dos estudos críticos tem sido frequentemente a de que o Pentateuco ou que muitas partes do Antigo Testamento foram escritas num período muito tardio da história de Israel, quer no período exílico, quer no período pós-exílico. Há uma boa possibilidade de edição para o Antigo Testamento que levou o Antigo Testamento a atingir sua forma final durante esse período. Mas penso que a familiaridade de Oséias com estas tradições e coisas é um lembrete para nós de que as tradições e os textos que vemos no Antigo Testamento têm uma história antiga que remonta aos primeiros estágios da história de Israel.

Eu só quero mencionar alguns deles. Uma das coisas que é referenciada diversas vezes no livro de Oséias é o Êxodo. Isso não é surpreendente porque é o evento central da redenção de Deus e de como Israel é formado como nação.

Em Oséias capítulo 8 , versículo 13, o Senhor punirá Israel por seus pecados. Ele se lembrará da iniquidade deles e eles retornarão ao Egito. Portanto, parte da mensagem de Oséias é que a história da salvação está prestes a ser revirada e o Senhor trará julgamento sobre o seu povo.

Mas essa não é a única coisa que Oséias diz sobre o Êxodo. Porque no capítulo 11 versículo 1, quando Israel era criança, eu o chamei e do Egito chamei meu filho. É um lembrete daquele primeiro evento e a deserção e desobediência de Israel a Deus é mais severa à luz do fato de que eles foram ingratos pela libertação que Deus lhes trouxe.

Porém, depois que o julgamento terminar, o Senhor fará uma segunda obra de libertação. Haverá um segundo Êxodo onde o Senhor rugirá como um leão, e o povo de Israel do seu exílio virá tremendo como pássaros do Egito e como pombas da terra da Assíria. Portanto, há um uso poderoso da tradição do Êxodo no livro de Oséias.

Acho que isso se estende ao Novo Testamento. A passagem de Oséias 11:1 é usada no evangelho de Mateus com referência à vida de Jesus. Mateus diz que Jesus desceu ao Egito ainda criança quando José os levou para lá para fugir de Herodes é um cumprimento de Oséias capítulo 11 versículo 1, do Egito chamei meu filho.

Poderíamos olhar para isso e dizer: bem, acabei de ler Oséias 11:1. Não parece estar falando sobre o Messias. O que Mateus está fazendo? Bem, Mateus está engajado aqui em uma forma de tipologia onde ele faz referência aos eventos do Antigo Testamento da mesma forma que Oséias. Da mesma forma que Deus chamou seu filho Israel para fora do Egito, esse padrão é levado adiante na vida de Jesus.

Jesus, como filho de Deus, como a representação máxima de Israel, também será tirado do Egito. Há um paralelo entre a vida de Israel no Antigo Testamento e a vida de Jesus no Novo Testamento. Penso que transmite a ideia de que Jesus é o cumprimento da história de Israel e aquele que, em última instância, permitirá que Israel seja tudo o que Deus quis que fosse.

Como observou Greg Beal, Mateus não está ignorando o contexto geral de Oséias porque, como acabamos de ler, há uma referência em Oséias ao êxodo final, ao segundo êxodo, e a vida e o ministério de Jesus trarão Sobre o que. Outra tradição do Antigo Testamento que vemos referenciada com bastante eficácia no livro de Oséias é a do patriarca Jacó e sua vida. Oséias capítulo 12, versículo 2, o Senhor tem uma acusação contra Judá e punirá Jacó conforme os seus caminhos.

Ele lhe retribuirá de acordo com suas ações. E lembre-se que Jacó, no livro de Gênesis, nem sempre é um personagem terrivelmente exemplar. Ele faz algumas

coisas que criam alguns problemas com sua desonestidade, seu engano, roubo do direito de primogenitura e conflito com seu irmão Esaú.

E isso se reflete em Oséias. No ventre, ele pegou o calcanhar do irmão e, na idade adulta, lutou com Deus. Ele lutou com um anjo e prevaleceu.

Ele chorou e buscou seu favor. Ele encontrou Deus em Betel e lá Deus falou conosco, o Senhor Deus dos Exércitos. Assim, apesar do passado meio conturbado de Jacó, no final das contas ele conheceu Deus em Betel.

Ele buscou o Senhor e houve um relacionamento renovado como resultado disso. Oséias está encorajando o povo de Israel a fazer o mesmo. Vai falar sobre em Oséias capítulo 12 versículo 12, Jacó fugiu para a terra da Síria, e ali Israel serviu por esposa, e por esposa ele guardou ovelhas.

Por um profeta, o Senhor tirou Israel do Egito, outra referência ao Êxodo, e por um profeta, ele foi guardado. Da mesma forma que Jacó partiu para uma terra estrangeira e Deus finalmente resgatou o seu povo, Deus repetirá essa história no futuro de Israel. O que Deus fez por Israel no passado é um lembrete do que Deus fará por eles no futuro.

Há uma referência à destruição de Sodoma e Gomorra em Oséias 11:8 e 9. Em contraste, Deus entregou cidades como Admá e Zeboim à destruição total; o Senhor não pode fazer isso pelo povo de Israel. Quando o Senhor restaura o povo de Israel em Oséias capítulo 2, versículo 15, esta mensagem promissora é dada ali. Diz, e ali darei as suas vinhas e farei do vale de Acor uma porta de esperança.

Então, temos aqui uma inversão da história passada de Israel porque o vale de Acor é onde o pecado de Acã e esta punição que foi aplicada a Acã por sua desobediência às regras da guerra santa, em última análise, isso se tornará um lugar de esperança porque o vale de Acor se tornará uma porta de esperança e ali ela responderá nos dias de sua juventude como no tempo em que saiu da terra do Egito. Outra referência ao Êxodo combinada com esta. Assim, algo que tinha uma conotação negativa no passado de Israel recebe uma conotação positiva.

A profundidade da maldade de Israel é transmitida por uma referência em Oséias capítulo 9, versículo 9. Eles se corromperam profundamente como nos dias de Gibeá. Ele se lembrará da iniquidade deles e punirá os pecados deles. Capítulo 10, versículo 9, porque assim como nos dias de Gibeá você pecou, ó Israel, lá eles continuaram.

Não os alcançará a guerra contra os injustos em Gibeá? Gibeá é o lugar onde temos a terrível história do livro dos Juizes sobre o estupro da concubina e depois seu assassinato, e depois a guerra civil que surge como resultado disso. Esse evento

horrível é recordado da história passada de Israel como uma forma de falar sobre a sua deserção e o seu pecado no presente. Mais um deles que mencionarei.

Referindo-se à idolatria de Israel, Oséias capítulo 9 versículo 10 diz, eles foram a Baal Peor e se consagraram à coisa vergonhosa e tornaram-se detestáveis como aquilo que amavam. Portanto, um grande exemplo da prática de idolatria de Israel antes mesmo de eles entrarem na terra é lembrado aqui. O profeta usa essas imagens do passado de Israel de maneira muito bela e eficaz, muitas vezes para encorajá-los.

Deus vai fazer uma obra de redenção por você como fez no passado, mas outras vezes para confrontá-los que você se tornou igual ao povo de Gibeá. Essa é uma comparação horrível. Você se tornou igual às pessoas que adoraram e cometeram imoralidade sexual em relação a estes deuses falsos em Baal Peor, em Números, capítulo 25.

Então, se quisermos entender o Antigo Testamento, se quisermos entender os profetas do Antigo Testamento, às vezes é incrível observar todas as diferentes maneiras pelas quais o Antigo Testamento se refere a si mesmo. Então, se quisermos compreender Paulo ou o Novo Testamento, percebemos que eles fazem a mesma coisa. Uma das razões pelas quais às vezes temos dificuldades como cristãos com o livro do Apocalipse é que o livro está saturado de referências ao Antigo Testamento e particularmente aos profetas do Antigo Testamento.

Portanto, prestar atenção a essas coisas pode melhorar a sua leitura do livro de Oséias. Outra coisa que quero mencionar sobre o livro é que há ao longo do livro de Oséias uma série de imagens e metáforas poderosas que são usadas tanto para Deus quanto para o povo e para o julgamento que Deus trará. Não notamos apenas a metáfora de Israel como a esposa infiel e Deus como o marido fiel.

Aqui está uma lista de alguns deles. Se quiser analisá-los e desenvolvê-los ainda mais, você pode fazer isso em seu próprio estudo. Deus é comparado no livro de Oséias 5.12 às traças e à podridão.

Não ouvi nenhum curso de louvor que use essa analogia específica, mas sim o julgamento que Deus trará sobre eles. Deus é um leão que ruge em Oséias 5.14 e que irá julgar o seu povo. No capítulo 11:10, um leão que ruge irá trazê-los de volta.

Deus é como as chuvas da primavera e do inverno que refrescarão Israel. Não é Baal quem faz isso. O Senhor é o pai de Israel.

No capítulo 11.1-4, do Egito trouxe meu filho. Os dois relacionamentos humanos mais próximos possíveis são usados no livro de Oséias para falar sobre a proximidade de Israel e do Senhor em seu relacionamento de aliança. Ele é um amante dedicado de seu povo.

Oséias 11:8-11 não pode desistir deles. Ele é como um leão, um leopardo e um urso que destrói. Definitivamente vemos analogias e comparações entre Oséias e a pregação de Amós.

Ele é um curador que acabará por restaurar a apostasia de Israel. Oséias 14:4, ele é como o orvalho refrescante. Capítulo 14:5, ele é como um pinheiro verde.

Capítulo 14:8. Assim, de uma forma poderosa, não recorrendo novamente às categorias da teologia sistemática, mas sim a imagens e metáforas, entendemos o lado duplo de Deus como um Deus santo que pune o pecado e um Deus amoroso que, em última análise, restaurará e abençoará. Por outro lado, as metáforas usadas para falar sobre Israel, a maioria delas são bastante negativas para destacar a sua infidelidade à aliança. Nos capítulos 1-3, eles são o cônjuge infiel.

Capítulo 4:16, capítulo 10:11 e capítulo 11:4, elas são uma novilha teimosa. Eles se tornaram como o bezerro de ouro que adoram. Capítulo 5:13, eles estão doentes e cobertos de feridas.

Capítulo 6:4, o amor deles por Deus é como a névoa e o orvalho que desaparecem muito rapidamente. Eles são como assassinos e criminosos. Capítulo 6:7-9, eles são como um forno aceso.

Capítulo 7:4-7, consumidos em sua sede de poder. São como pão meio cozido, queimado de um lado e cru do outro. Capítulo 7:8, em termos das suas estratégias políticas defeituosas, eles são como uma pomba que oscila entre opções enquanto procuram soluções políticas.

Capítulo 7:11, eles são como um arco defeituoso que um guerreiro leva para a batalha e no qual não pode confiar. Capítulo 7:16, eles são como um burro selvagem e rebelde. Capítulo 8:9, eles são como um galho flutuando na água que simplesmente será levado embora.

Capítulo 10:7, eles são como crianças rebeldes. Capítulo 11:1-4, eles são como névoa, orvalho, palha e fumaça que se dissipam tanto em termos de sua fidelidade a Deus quanto de sua estabilidade por causa do julgamento que está por vir. Além disso, há metáforas eficazes do julgamento de Deus ao longo do livro, mais uma vez para lembrar as pessoas de quão horrível e terrível será esse julgamento.

Como é o julgamento de Deus? É como uma inundação de águas. Capítulo 5:10, é como uma espada. Capítulo 6:5, é como um relâmpago.

Capítulo 6:5, é uma colheita que Israel colherá. O capítulo 6:11 é um redemoinho que os destruirá. Eles semearam o vento e colherão o redemoinho.

É o ataque de um animal selvagem. Capítulo 13 :8, são as dores do parto. Capítulo 13:13, uma imagem muito eficaz.

É como um vento abrasador que os queimará. Capítulo 13.5. Portanto, há todo tipo de coisas acontecendo nesses livros proféticos, alusões a outros eventos do Antigo Testamento e metáforas que acredito que podem nos ajudar a apreciar e valorizar a mensagem literária dos profetas. Então, finalmente vamos deixar Oséias, e quero falar aqui sobre outra questão literária e uma questão histórica e teológica.

Todos nós conhecemos o livro de Jonas. Estamos muito familiarizados com a história, mas uma das principais questões interpretativas que surgem: esta não é apenas uma discussão entre estudiosos críticos versus estudiosos evangélicos, mas até mesmo os estudiosos evangélicos de hoje vão discutir se deveríamos ler Jonas como um historiador histórico. ou parábola ou como uma combinação de ambos de alguma forma? Parte da questão da historicidade em termos de Jonas relaciona-se com a plausibilidade de alguns dos eventos encontrados na história. Todos sabemos que existe um profeta engolido por um peixe e depois cuspidos, mas existem outros acontecimentos milagrosos.

Há uma tempestade que Deus de repente provoca enquanto Jonas tenta fugir de Deus. Há um profeta que foi lançado ao mar e que é salvo por este peixe que Deus designou. Tem uma planta que cresce em um único dia e tem um pequeno verme que come a planta inteira.

Temos animais vestindo saco e cinzas em Jonas, capítulo três, quando a cidade de Nínive se arrepende. Existem alguns estudiosos que diriam esse tipo de coisa exagerada, estranha, não apenas sobrenatural, mas são coisas exageradas que podem sugerir que este livro deveria ser lido mais como uma parábola. E quanto à plausibilidade de Deus enviar um profeta a uma nação estrangeira, especialmente aos assírios? Não vemos isso em outros lugares do Antigo Testamento.

Não há nenhuma evidência histórica de uma resposta assíria, embora o motivo pelo qual necessariamente esperaríamos ver isso seja algo que discutiremos em um minuto. Por que essas pessoas teriam ouvido Jonas? Eles não têm história com Jonas como profeta. Eles não reconhecem o Senhor como sendo seu Deus.

Por que eles ouviriam? E assim, outros argumentaram que toda essa ideia de Deus enviando um profeta a um povo estrangeiro e de repente esses assírios perversos se arrependendo e se voltando para Deus, simplesmente não é plausível acreditar nisso. Alguns são levados a ver Jonas como sendo não-histórico, mais por questões literárias. Existem elementos de parábola na história.

O nome Jonas, Yonah, é uma palavra que significa pomba. Parece que isto indica que ele é um símbolo para a nação de Israel. Então, em vez de ver isso como um evento histórico, Jonas sendo engolido por um peixe e depois como um profeta indo para a Assíria, talvez isso seja simplesmente um símbolo da experiência de Israel.

Eles foram engolidos pelo exílio e serão forçados a viver entre estes povos pagãos. Há uma quantidade significativa de sátira no livro. Uma das coisas sobre as quais quero falar e desenvolver à medida que avançamos um pouco nisso é que acredito, de muitas maneiras, que Jonas é descrito como o antiprofeta.

Se você quiser escolher exatamente o exemplo oposto de como um profeta deveria ser, o que um profeta deveria fazer ou como um profeta deveria responder, Jonas é o homem. Quando Deus chama Jonas para ir pregar em Nínive, Jonas faz algo que não vemos outros profetas do Antigo Testamento fazendo. Jonas é tão resistente ao seu chamado profético que prefere ser jogado ao mar do que ter que pregar para um bando de pagãos.

Então, há muita sátira. No final do livro, Jonas não se importa com o povo de Nínive e com seu destino ou bem-estar. Ele está mais preocupado com as queimaduras solares que vai ter no topo da cabeça.

Então, será que estes elementos literários exigem que vejamos isto simplesmente como uma parábola? Eu só quero deixar claro que, enquanto trabalhamos nisso, o livro é definitivamente uma obra que reflete muito da arte literária. Eu adoro isso no livro. É uma das coisas que aprecio.

Mas a arte literária e a sofisticação na forma como a história é contada ou como a história é elaborada de forma literária não excluem a possibilidade de historicidade. Não acho que devamos ver essas coisas em conflito umas com as outras. Os Evangelhos são criações literárias muito artísticas em apresentações da vida de Jesus que não contestam a sua historicidade.

Uma das outras questões históricas que surgem é que muitas vezes há declarações no livro que são vistas como imprecisas ou imprecisas. Por exemplo, não há nenhuma referência ou menção ao rei específico de Nínive envolvido aqui, embora eu não tenha certeza de que devamos necessariamente esperar isso. Na história do Êxodo, no livro do Êxodo, aprendemos sobre o Faraó.

Não sabemos o nome dele. Uma das questões sobre as quais historiadores e arqueólogos têm discutido muito é quem é o Faraó do Êxodo? Não esperaríamos necessariamente que este rei estrangeiro fosse identificado. Não há inscrição histórica no livro.

Existem possíveis imprecisões históricas. A cidade de Nínive só foi capital real mais tarde, durante o tempo de Senaqueribe. Por que o rei da Assíria está lá? Parece haver uma orientação de Judá na história.

Jonas, o porto de onde ele sai, é Jope. Ele ora em direção ao templo em Jerusalém. Por que isso seria verdade para um israelita do norte? Portanto, existem algumas questões históricas.

No entanto, ao dedicarmos um minuto aqui para falar sobre o cenário histórico, acredito que há um cenário muito plausível para a história de Jonas que, para mim, acrescenta credibilidade à história. Falaremos sobre isso. Outra questão que foi levantada, e penso que uma das razões pelas quais temos frequentemente esta discussão, e tem havido esta conversa sobre isso, é que, no passado, muitas vezes pessoas conservadoras que queriam defender a história como sendo histórica.

Acho que temos alguns exemplos do que eu chamaria de apologética exagerada. Alguns dos exemplos históricos de pessoas que sobreviveram sendo engolidas por peixes, baleias ou criaturas marinhas, essas analogias são interessantes. Histórias de marinheiros ou pescadores que caíram ao mar e foram arrancados da barriga dos peixes, quero dizer, refletem que isso acontece.

No entanto, essas histórias, em muitos aspectos, não têm paralelo com o que vemos acontecer com Jonas. A maioria dessas pessoas estava perto da morte quando essas experiências aconteceram. Jonas, quando é cuspidos do peixe, é imediatamente cuspidos na terra seca e segue rapidamente para a cidade de Nínive.

Portanto, pode haver alguns exemplos de apologética exagerada. Acho que às vezes pode haver o problema da certeza dogmática. É possível que Jonas seja simplesmente uma parábola? Sim, isso é uma possibilidade.

Não creio que isto seja um teste de ortodoxia. Conheço vários amigos evangélicos e estudiosos do Antigo Testamento que são muito evangélicos, que acreditam na autoridade das Escrituras, que afirmam a doutrina da inerrância, mas que, por causa de algumas das razões literárias de que falamos, veria isso mais como uma história parabólica. Minha resposta a isso é que não tenho certeza se vemos indicadores claros ou marcadores de gênero suficientes que diriam que isso definitivamente deveria ser lido como uma parábola.

Portanto, não estou convencido de que esses indicadores sejam tão decisivos como às vezes parecem ser para certos estudiosos. Sabemos por 2 Reis, capítulo 14, versículos 23 a 25, sabemos que Jonas foi uma figura histórica e foi um profeta durante os dias do reinado de Jeroboão II. Na verdade, Jonas foi o profeta que profetizou a Jeroboão II sobre a expansão do seu território e o alargamento das suas fronteiras.

Deus enviou Jonas para cumprir esse papel, para proclamar essa mensagem a Jeroboão II. E então, nesse caso, Jonas está apresentando uma mensagem muito positiva ao povo de Israel. Vai dizer em 2 Reis capítulo 14 versículo 25, que Jeroboão II restaurou a fronteira de Israel desde Labote -Hamate até o mar da Arábia, conforme a palavra do Senhor, o Deus de Israel, que ele falou pelo seu servo Jonas, filho de Amitai, profeta que era de Gate-Hefer.

Não temos um cabeçalho no início do livro de Jonas, mas já temos outra declaração aqui nas escrituras sobre Jonas como uma figura histórica real. Acho que isso aumenta a ironia de Jonas ser o indivíduo selecionado para pregar esta mensagem que leva Deus a mostrar compaixão pelo inimigo de Israel. É irônico que tenha sido ele quem pregou esta mensagem positiva a Israel, em parte devido ao fato de que os assírios estavam em declínio durante o reinado de Jeroboão II.

Portanto, Jonas é claramente uma figura histórica real. Então, isso parece nos levar a ver o que acontece com ele no livro de Jonas como uma narrativa e um relato histórico real. Eu acredito que há uma questão de autoridade bíblica envolvida aqui.

Se uma pessoa rejeita a historicidade de Jonas simplesmente com base nos elementos sobrenaturais que estão na história, então haverá problemas com muitas outras narrativas e histórias tanto no Antigo como no Novo Testamento. Se temos um problema com Deus realizando eventos sobrenaturais em conexão com a vida de um profeta, então o que fazemos com as histórias de Elias e Eliseu que estão cheias de milagres e alguns deles ainda mais significativos e espetaculares do que os milagres que são feitos na história de Jonas? Se vamos simplesmente descartar os elementos sobrenaturais, o que dizer dos milagres de Jesus? E as histórias do Êxodo? Novamente, em toda a Bíblia, servimos a um Deus sobrenatural. Eu realmente acho que temos que ter cuidado ao ler a Bíblia, ter cuidado para não trazermos nossas lentes modernas para o texto a ponto de descartarmos imediatamente os elementos sobrenaturais que estão lá.

Quando a Bíblia nos dá testemunho canônico de que um profeta foi capaz de profetizar algo que iria acontecer com 150 ou 400 anos de antecedência, muitas vezes há uma tendência a dizer, bem, não é assim que a profecia normalmente funciona. Isso parece implausível. Vamos encontrar uma explicação crítica para o porquê disso acontecer.

Então, acredito que há um problema aqui. Se vamos descartar os elementos sobrenaturais da história de Jonas, o que faremos com o restante das Escrituras? Uma das coisas que nos leva especificamente a ver isto como um relato histórico não é apenas o facto de o próprio Jonas ser uma figura histórica. Sabemos disso em 2 Reis capítulo 14, versículos 23 a 25, mas o livro de Jonas se encontra dentro do Livro dos 12.

Pelo que podemos dizer, esses outros livros proféticos retratam o ministério e a missão dos verdadeiros profetas em Israel e Judá. Temos um profeta como Amós que realmente deixou Judá, foi para Israel e proclamou esta mensagem. Ele é uma verdadeira figura histórica.

Parece que se presta à ideia de que este livro que fala sobre o ministério de Jonas está nos contando algo que realmente aconteceu, uma mensagem, um sermão e uma missão que este profeta realmente cumpriu. Sabemos também que no Novo Testamento temos referência à história de Jonas na pregação de Jesus. Mateus capítulo 12 versículos 39 a 41.

Vou apenas ler esses versículos e depois fazer alguns comentários aqui. No capítulo 12, versículo 39, os escribas e os fariseus querem um sinal de Jesus, apesar de ele já ter realizado muitos deles. E assim, Jesus responde e diz-lhes: Uma geração má e adúltera procura um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal do profeta Jonas.

Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra. Os homens de Nínive se levantarão no julgamento com esta geração e a condenarão, pois se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que algo maior do que Jonas está aqui.

Versículo 42, a rainha do Sul se levantará no julgamento com esta geração e a condenará, pois ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui algo maior que Salomão. Então, parece novamente, na minha opinião, que Jesus aqui, como faz com muitos outros eventos e histórias do Antigo Testamento, está confirmando que a história de Jonas é real.

Ele a integra, inclui-a com a história da rainha de Sabá, que se encontra numa narrativa histórica do livro dos Reis. Jesus parece aqui fornecer confirmação para a história de Jesus. E isso acrescenta peso ao argumento de que devemos ler Jonas como histórico.

Mas acho que também devemos, apenas para sermos justos com o outro lado, Jesus poderia simplesmente estar se referindo ou aludindo a uma história bem conhecida. Não creio que seja a melhor maneira de entender isto, mas Jesus poderia simplesmente estar fazendo uma alusão ou referência a uma história bem conhecida da história de Israel. Parece, porém, que o que temos aqui é um padrão que caracteriza o ensino de Jesus sobre o Antigo Testamento.

Ele aceita essas histórias como factuais. Ele aceita a história de Adão e Eva do livro de Gênesis, uma série de outros eventos do Antigo Testamento, a história de Noé e o dilúvio. E acho que temos a mesma coisa acontecendo aqui com o livro de Jonas.

Há também uma tradição de longa data na tradição judaica e cristã de que o livro de Jonas deveria ser lido como um relato histórico. E assim, por todas essas razões, e espero que não fazendo isso de uma forma que tente fazer isso com certeza dogmática ou fazer disso um teste de ortodoxia, acredito que a melhor leitura de Jonas é lê-lo como um relato histórico. . Novamente, sem marcadores de gênero específicos e indicadores de gênero que diriam que este livro é simplesmente uma história ou uma parábola, acho que essa é a maneira mais provável de lermos este livro.

OK. Agora mencionamos como parte disso, e realmente para encerrar a discussão sobre a historicidade do livro, que uma das questões que surge é, quero dizer, vamos pensar sobre isso. É realmente plausível que um profeta pudesse ir para uma terra estrangeira, especialmente para um povo tão poderoso, uma cidade tão notável como a cidade de Nínive? É realmente plausível pensar que essas pessoas o teriam ouvido? Será mesmo plausível pensar que Jonas realmente fez esta viagem de centenas de quilômetros para pregar ao povo de Nínive, quando não vemos outros profetas em Israel realmente fazendo isso? Sempre que temos oráculos para outras nações, geralmente nestes outros livros proféticos, o que normalmente vemos é que o profeta estava pregando esta mensagem sobre esta outra nação ou sobre este outro reino, mas ele estava pregando-a ao povo de Israel e Judá.

O propósito dessas mensagens era mais para o povo de Deus do que para as nações que as cercavam. Tudo bem. Vejamos o cenário histórico específico do ministério de Jonas.

Lembre-se da época do reinado de Jeroboão II com base em 2 Reis 14:25 a 27. De volta à nossa discussão sobre o livro de Amós, falamos sobre o contexto histórico do Livro dos 12 e ao falarmos sobre o contexto do ministério dos profetas menores que ministraram durante o período assírio. Lembre-se de que Israel desfrutou desta época de grande prosperidade sob Jeroboão II.

Uma das razões para isso é que o reino assírio e o império assírio exerceram pressão sobre Israel no século IX; durante o tempo de Acabe, houve uma batalha entre o rei assírio e uma coalizão de reis da Síria-Palestina que incluía Acabe. Jeú, em 841 aC, 12 anos depois, foi forçado a pagar tributo ao rei assírio Salmaneser. Houve pressão sobre Israel no século IX, mas durante o tempo de Jeroboão II, Israel desfrutou de prosperidade porque o império assírio havia entrado em declínio.

Isso durou de 825 AC até a ascensão de Tiglate-Pileser em 745 AC. Portanto, podemos situar o ministério de Jonas durante esta época de declínio assírio. Durante o reinado de Jeroboão, e uma das datas sugeridas para o ministério de Jonas, é que Jonas provavelmente foi a Nínive e pregou lá em algum momento entre os anos 772 e 760 AC.

Assim, o seu ministério em Nínive e o seu ministério durante o reinado de Jeroboão II podem ter ocorrido pouco antes do momento em que Deus enviou Amós ao reino do norte para começar a prepará-los para o julgamento que estava por vir. Portanto, esta foi uma época de declínio assírio. Esta foi uma época, talvez quando olhamos para algumas das especificidades deste evento, onde devido ao declínio que tinham atravessado e devido a algumas das crises militares e económicas que enfrentavam, é possível que mesmo uma cidade como Nínive e até mesmo um povo poderoso como os assírios estariam, em certo sentido, preparados para a mensagem que Jonas lhes trazia pelos eventos que ocorreram.

Aqui estão algumas dessas coisas. Houve fomes e revoltas populares durante o reinado do rei assírio, Ashurdan III, que reinou de 773 a 756. Isso se ajusta muito bem ao período de tempo que sugerimos para Jonas.

A crise económica e a escassez de alimentos e a fome e coisas assim foram tão graves que em alguns pontos os registos indicam que a inflação na Assíria nesta altura era de 400%. Assim, em cidades como Nínive, onde havia escassez significativa de alimentos, esses preços e essas coisas podem ter indicado ao povo que os deuses estão descontentes connosco de alguma forma. Houve um terremoto e um eclipse solar.

O eclipse solar ocorreu em 15 de junho de 763 AC. Novamente, estamos usando nossa imaginação aqui e falando de forma criativa. A Bíblia não conecta essas coisas nem faz referência a isso, mas um eclipse solar era muitas vezes um presságio de algum tipo de desastre natural ou desastre nacional ou derrota militar ou desagrado dos deuses.

Teria servido como um presságio de ira ou descontentamento divino. Então, se essas coisas tivessem acontecido em conexão com ou imediatamente antes ou antes da vinda de Jonas e ele pregasse esta mensagem em 40 dias, Nínive seria derrubada. Talvez haja algumas coisas que levaram essas pessoas a aceitar essa mensagem.

Eles podem ter sabido sobre este eclipse solar. Eles podem ter ouvido até mesmo presságios de desastre nacional de seus próprios profetas. Eles estavam lidando com a crise económica.

Junto com isso, a Assíria, ao contrário do que vinha fazendo no século IX, não podia mais sair em campanhas militares porque estava lidando com o poder ao norte, o poder de Urartu. O poder crescente deste inimigo directamente ao norte da Assíria, mais uma vez, poderia ter criado problemas e poderia ter levado à ideia de que os assírios precisavam de se acertar com os seus próprios deuses. Além disso, tentando pensar na plausibilidade de um grupo de pessoas ouvindo um profeta vindo de uma

terra estrangeira, um cara chamado Jonas que eles não conhecem, falando sobre Yahweh, o deus das pessoas insignificantes, os israelitas.

Por que eles responderiam? Bem, existem algumas conexões entre Nínive e a adoração de divindades de peixes ou desses tipos de coisas que também podem contribuir para esta história. O nome da cidade Nínive está relacionado à palavra acadiana Nunu. Portanto, pode haver alguma ideia de que o nome de Nínive seja algo como cidade de peixes.

A primeira referência existente a Nínive de 2.100 aC inclui a imagem de um peixe dentro de um recinto urbano. Então, há algum tipo de conexão entre a cidade de Nínive e os peixes ou divindades dos peixes. A principal divindade do início de Nínive era Nanshi , uma deusa peixe.

Portanto, podemos ter algum tipo de conexão entre a experiência de Jonas sendo engolido por um grande peixe e a associação de Nínive com a adoração de divindades peixes. Algumas pessoas novamente olhariam para isso e diriam: bem, este é um exemplo de por que deveríamos ler a parábola ou algo parecido. Acho que se olharmos para isso como um evento histórico, pode ser outra razão pela qual a mensagem de Jonas poderia ter tido peso para essas pessoas.

Ele explicou a eles a experiência pela qual passou? Que tipo de aparência Jonas tinha depois de passar três dias no peixe? Mas se de alguma forma ele fosse capaz de transmitir essa experiência às pessoas ou convencê-las de que isso realmente aconteceu, novamente, teria sido de outra maneira que a origem pagã e as divindades que eles adoravam ou as experiências pelas quais eles passaram, isso poderia ter sido outra maneira pela qual os assírios teriam sido preparados para esta mensagem e poderiam tê-la aceitado de maneiras que não teriam sido verdadeiras em outros momentos de sua história. Também temos que pensar no facto de que o que podemos ver em termos da resposta de Nínive pode não ser tão grande como é frequentemente retratado na pregação popular. A pregação de Jonas em Nínive pode não ser um grande exemplo de reavivamento nacional.

Na verdade, Daniel Timmer e alguns outros estudiosos do Antigo Testamento levantam a questão de saber se realmente temos uma verdadeira conversão por parte dos ninivitas. Podemos simplesmente ter um grupo de pessoas que ouvem o aviso de um desastre iminente, arrependem-se disso e procuram o favor de Deus. Mas não há nenhuma indicação clara de que eles tenham anunciado o seu politeísmo.

Não há indicação de que eles tenham confessado exclusivamente Yahweh como o Deus de Israel. Eles acreditaram na mensagem e buscaram o favor de Deus e Deus deu isso a eles de maneira graciosa. Mas podemos não ter uma conversão nacional do povo da Assíria.

Não sabemos o quanto esta resposta a Deus, este arrependimento, o quanto isto realmente impactou o resto da terra da Assíria ou as outras nações ou as outras partes da nação ou as províncias ou distritos ou cidades que estavam lá. Estaria isto simplesmente confinado à área de Nínive? Quanto tempo durou a resposta? Sabemos que em apenas algumas décadas, a Assíria regressou aos seus modos violentos, opressivos, brutais e imperialistas. Isto pode ter sido simplesmente uma falha temporária que não teria sido necessariamente anotada nos registros reais ou em qualquer um dos relatos históricos que temos na Assíria.

Acho que esperar algum tipo de confirmação externa de um grande avivamento é, na verdade, uma leitura errada do próprio livro de Jonas. OK. Algumas outras questões.

A cidade de Nínive é descrita diversas vezes no livro como uma grande cidade. Capítulo 1 versículo 2, capítulo 3 versículo 2, capítulo 4 versículo 11. E no capítulo 3, ainda diz que era uma grande cidade, La Elohim, para com Deus ou diante de Deus.

Acho que talvez refletindo apenas a ideia de sua importância para Deus. É uma grande cidade, mas parece haver algumas maneiras de descrevê-la como uma grande cidade que alguns intérpretes, comentaristas e pessoas que interagiram com o livro consideram um exagero e historicamente impreciso. Por exemplo, no capítulo 3, versículo 3, diz que Nínive era uma cidade e era uma cidade de três dias de viagem.

A redação exata em Jonas 3:3 diz isto: Jonas começou a entrar na cidade a um dia de jornada e antes disso no versículo 2, agora Nínive era uma cidade extremamente grande, com três dias de jornada de largura. Isto parece ser um exagero. Pode-se caminhar em uma jornada de três dias, algo em torno de 40 a 60 milhas.

Isso não estaria além do reino das possibilidades. John Walton diz que a circunferência da cidade de Nínive tinha cinco quilômetros de diâmetro e que toda a área da cidade tinha cerca de 300 acres, 1,5 milhas quadradas. Então, é exagero dizer que foram três dias de caminhada? Contudo, o que temos aqui falando sobre a caminhada de três dias no capítulo 3 pode ser uma expressão idiomática.

Pode ser simplesmente uma forma imprecisa de falar talvez de forma hiperbólica ou exagerada da grandeza desta cidade. Também poderia indicar que foi uma jornada de três dias em termos de quanto tempo Jonas levaria para realizar seu ministério de pregação e sua missão. Ao ir aos vários portões da cidade, ao ir às ruas, lugares e mercados proeminentes, talvez à área fora do templo, e comunicar esta mensagem, levaria três dias para ir de um lugar para outro, para ir a esses vários lugares. partes da cidade e proclamar a mensagem.

Não transmite necessariamente a ideia de que você levou três dias para atravessá-lo. Então, novamente, isso pode ser simplesmente uma afirmação idiomática. Não é um argumento contra a historicidade do livro.

Há uma referência no capítulo 4, versículo 11, à população da cidade de Nínive. O Senhor diz a Jonas no final deste livro, e o livro termina com esta pergunta retórica: Não deveria eu ter pena de Nínive, aquela grande cidade, onde há mais de 120.000 pessoas que não distinguem a mão direita da esquerda e a esquerda? também muito gado? E então, esta é uma cidade grande, 120.000 pessoas. Algumas pessoas argumentaram que falar sobre pessoas que não distinguem a mão esquerda da direita pode ser simplesmente uma referência a 120.000 crianças.

Porém, a forma como as pessoas estão sendo contrastadas com os animais, isso parece se referir ao número das pessoas como um todo. Então, o que fazemos com esse número? É preciso? Representa algo historicamente plausível? Novamente, acho que há várias coisas em que precisamos pensar. Novamente, grandes números no Antigo Testamento são frequentemente usados de maneira imprecisa.

As 600.000 crianças que saíram da terra do Egito, há todo tipo de discussão sobre se deveríamos interpretar isso como literal ou como hiperbólico. Na Guerra Siro - Efraimita, conta-nos em Crônicas que na guerra civil que ocorreu entre Israel e Judá, cem mil pessoas foram mortas num único dia. Esse é um número bastante astronômico.

A palavra milhares muitas vezes poderia ser traduzida de outra forma que não simplesmente nos dando um número. Portanto, podemos simplesmente ter um grande número hiperbólico e exagerado, mas na verdade, o número 120.000 parece ajustar-se bem como uma população de Nínive quando o comparamos com outros registros históricos. Há um texto de Kala, na Assíria, em 865 aC, que se refere a quase 70.000 pessoas que visitaram aquela cidade na época em que ela foi inaugurada pelo rei.

Assim, se houvesse 70.000 pessoas em Kala, a possibilidade de 120.000 pessoas estarem numa grande cidade como Nínive parece ser possível. Mais tarde, no século VII, quando Senaqueribe fez deste local o lugar real, a população da Assíria parece ser de 300.000. Também percebemos que o número 120.000 pode não incluir apenas as pessoas que vivem especificamente dentro dos limites da cidade da Assíria e nos ambientes da própria cidade.

Pode referir-se à província e ao distrito. Essa província se estendia de Kalu, 20 milhas ao sul de Nínive, até Khorzabad, 10 a 15 milhas ao norte. Então acho que há uma plausibilidade real com esse número de 120 mil.

Agora, outra questão, e a última que abordaremos aqui, é se existe o problema ou pelo menos existe a questão e a questão sobre o que faremos com o aparecimento do rei de Nínive? Capítulo 3, versículo 6. Lembre-se de que o rei de Nínive é quem convoca o jejum e responde à mensagem aqui de uma forma bastante significativa. Em primeiro lugar, a terminologia rei de Nínive é semelhante à que temos em outras passagens do Antigo Testamento. Primeiro Reis 21.1 refere-se ao rei de Israel como o rei de Samaria.

Segundo Crônicas capítulo 24, versículo 23, refere-se ao rei dos arameus como o rei de Damasco. Portanto, associar o rei a uma cidade-chave segue o que vemos em outras partes do Antigo Testamento. O problema aqui levantado por vários estudiosos é que Nínive só se tornou a capital real mais tarde na história da Assíria.

Senaqueribe foi o rei que fez isso e expandiu a grandeza, tornou-a uma cidade muito mais espetacular, o tipo de cidade que pensamos quando pensamos em Nínive na história. Existem duas ou três soluções plausíveis para isso. Número um, a palavra rei aqui, *melek*, poderia ser usada para se referir ao governador da província ou ao governante administrativo que governa o distrito do qual Nínive fazia parte.

Na verdade, podemos não estar falando sobre o rei supremo da Assíria. Mas mesmo que não seja a capital real como era nos dias de Senaqueribe, existe a possibilidade, pelo menos, de que Nínive tenha sido uma residência real onde o rei permaneceu durante determinados períodos. Voltando a uma época muito antiga na história da Assíria, ao reinado de Salmaneser I nos anos de 1275 a 1250 aC, Salmaneser I expandiu e ampliou a cidade de Nínive.

Isso parece reflectir a sua importância no facto de poder ter sido usado como residência do rei. Definitivamente e certamente se tornou uma residência real alternativa na época de Tiglate-Pileser I, novamente, mais de trezentos a quatrocentos anos antes da época em que Jonas estaria lá. Portanto, esta não era a capital real definitiva, como foi mais tarde na história da Assíria, mas possivelmente era pelo menos uma morada real.

Portanto, o fato de o rei estar aqui não é um problema. Acho que podemos resolver essas questões históricas. Acredito que as questões de gênero não excluem a possibilidade de historicidade.

Acho que os argumentos que usamos para olhar para Jonas como uma figura histórica, por todas essas razões, minha conclusão é que deveríamos ler isso como um relato histórico. Para encerrar a discussão, Douglas Stuart, em seu comentário sobre a palavra comentário bíblico, diz que se os eventos descritos no livro realmente aconteceram, a identificação existencial do público com os personagens e as circunstâncias é invariavelmente intensificada. Penso que a surpresa e o valor de choque dos assírios serem um dos povos que ouviram a Deus no livro dos 12, em

contraste com a resposta que os profetas recebem do povo de Israel ou de Judá, aumenta o peso e a seriedade e a mensagem deste livro.

Isso nos lembra de uma forma ainda maior a preocupação real de Deus por essas pessoas. E assim, analisamos a questão de saber se Jonas é um relato histórico. É uma parábola? Acho que há elementos de ambos, mas vamos olhar para Jonas como um verdadeiro profeta e para a missão e a pregação em Nínive como uma verdadeira missão que ele realizou. Nos vídeos que vêm e no segundo, a autoridade final de Jonas é baseada na mensagem que está ali.

E queremos ver qual é essa mensagem e o que o livro de Jonas estava comunicando ao povo de Deus no Antigo Testamento. E qual é a aplicação contínua desta mensagem ao povo de Deus hoje? Teremos a oportunidade de analisar isso à medida que avançamos e continuamos nosso estudo do livro de Jonas.

Este é o Dr. Gary Yates em seu ensinamento sobre o Livro dos 12. Esta é a sessão 16, Introdução ao Livro de Jonas, Historicidade.